



PRIMEIRO
MINISTRO

**SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO KAY RALA
XANANA GUSMÃO**

**DISCURSO DE ABERTURA NO SEMINÁRIO SOBRE O
CONCEITO DO BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO**

Ministério das Finanças, Díli

1 de agosto de 2025



Palácio do Governo,
Avenida Presidente Nicolau Lobato,
Díli, Timor-Leste

Excelências,
Membros do Governo,
Representantes do Banco Asiático de Desenvolvimento,
Representantes da sociedade civil e do setor privado,
Distintos convidados,

É com prazer que dou início a este importante seminário sobre o conceito do Banco Nacional de Desenvolvimento.

A criação de um Banco Nacional de Desenvolvimento será um passo decisivo na construção de uma economia forte, inclusiva e diversificada em Timor-Leste.

O Banco Nacional de Desenvolvimento constitui parte integrante da nossa visão nacional, tal como definida no Plano Estratégico de Desenvolvimento e no Programa do Governo.

Timor-Leste tem feito progressos significativos desde a Restauração da Independência. Construámos um Estado democrático, com uma sociedade pacífica e livre, e uma economia aberta ao mundo.

Estamos a investir na educação e na formação profissional para capacitar os recursos humanos de que necessitamos e para enfrentar os desafios de desenvolvimento do país. E temos investido em estratégias de desenvolvimento a longo prazo, através da construção de infraestruturas essenciais, incluindo estradas e pontes, energia e comunicações.

Contudo, temos ainda um longo caminho a percorrer. O nosso povo lutou durante muitos anos para alcançar o sonho da independência. Agora, enfrentamos uma nova luta. Não se trata de sonhar com uma nação, mas de a construir.

Embora tenhamos conquistado a soberania política, é agora fundamental alcançar também a soberania económica e consolidar o nosso Estado.

E não o poderemos fazer sem um setor privado dinâmico e resiliente. O crescimento económico, a criação de emprego e o progresso dependem disso.

Como tal, temos de fazer mais para apoiar as pequenas e médias empresas — a espinha dorsal da nossa economia, o motor da criação de emprego e a chave para reduzir a nossa dependência dos bens importados.

Temos, por isso, de garantir o acesso ao capital.

O acesso ao capital é uma das formas mais poderosas de libertar o potencial humano. Permite às pessoas não apenas imaginar um futuro melhor, como também investir nele.

Seja para um negócio familiar crescer, com a compra, por exemplo, de um segundo congelador, ou para uma empresa adquirir um novo camião — o financiamento é o que transforma boas ideias em meios de vida sustentáveis.

No entanto, demasiadas pessoas no nosso país continuam excluídas da economia — não por falta de vontade ou de capacidade, mas porque o sistema económico não lhes dá oportunidades.

Falo com muitos empresários — em Díli e em todo o país — e todos me dizem a mesma coisa: *“queremos crescer, mas não conseguimos crédito”*.

Esta situação não é apenas frustrante. Está a travar a criação de emprego e o desenvolvimento do nosso país.

Não podemos construir uma economia soberana se o nosso povo for impedido de participar nela e de concorrer com o capital estrangeiro. A falta de capital não é apenas um problema técnico — é uma barreira estrutural ao desenvolvimento.

Uma economia vibrante constrói-se de baixo para cima — através de pessoas que correm riscos, criam empresas e geram emprego.

O povo timorense é resiliente, criativo e empreendedor.

Precisamos de garantir que tem acesso ao capital para libertar o seu potencial — e o potencial da nossa nação.

O acesso ao capital dá às pessoas a confiança para tentar, os recursos para crescer e os meios para mudar a sua realidade. E, ao fazê-lo, não constrói apenas negócios — constrói dignidade, resiliência e prosperidade nacional.

Infelizmente, o sistema económico em Timor-Leste ainda não proporciona o acesso ao capital necessário para permitir ao nosso povo, às nossas comunidades e às nossas empresas de participar na economia.

Por isso, precisamos de um sistema financeiro que funcione para os timorenses, que remova os obstáculos — e não que os exclua.

É por isso que o Governo está empenhado em criar o Banco Nacional de Desenvolvimento de Timor-Leste.

Este Banco não será apenas mais uma instituição. Será um instrumento de estratégia nacional — um meio para canalizar financiamento para onde ele é mais necessário.

Apoiará investimentos transformadores — na agricultura, no turismo, na indústria e na habitação. Apoiará a criação de emprego e o aumento da produtividade. E contribuirá para gerar valor a longo prazo para a nação.

O Governo tem uma visão de desenvolvimento para o país, desde apostar no crescimento do setor petrolífero e indústrias associadas, a oportunidades no âmbito da Economia Azul, como serviços e indústrias sustentáveis para as pessoas e para o ambiente. Mas esta estratégia de desenvolvimento só

faz sentido se forem os timorenses, o empreendedorismo nacional e local, a participar e a beneficiar no desenvolvimento nacional.

O Banco agirá, como tal, para promover o interesse nacional. A sua missão não será limitada aos retornos financeiros, mas centrada na valorização da capacidade produtiva do nosso povo.

Ajudará a transformar boas ideias em projetos viáveis — especialmente nos setores onde os bancos comerciais são demasiado cautelosos ou lentos.

E, sobretudo, apoiará aqueles que há muito são privados de acesso ao financiamento, incluindo produtores rurais, pequenos empresários, jovens empreendedores e empresas lideradas por mulheres.

Porque o desenvolvimento não é apenas crescimento económico — é inclusão económica e social, e um crescimento que não deixa ninguém para trás.

Não somos o primeiro país a seguir este caminho. Em todo o mundo — e na nossa própria região — os bancos nacionais de desenvolvimento têm sido usados para impulsionar a transformação económica, reduzir desigualdades e desenvolver indústrias estratégicas.

Podemos aprender com essas experiências — com os sucessos e também com os fracassos.

Um bom banco de desenvolvimento não é apenas um credor. É um parceiro para o desenvolvimento. O seu papel é canalizar capital para a economia real — para as mãos das pessoas que produzem, empregam e investem.

Um banco de desenvolvimento sólido é guiado por um propósito público, gerido com integridade e transparência e focado em resultados.

Investe em setores que geram benefício nacional de longo prazo — da produção alimentar à segurança energética, da habitação acessível às infraestruturas rurais.

E atua em parceria com outros — investidores privados, organismos públicos e parceiros internacionais, incluindo instituições multilaterais como o Banco Asiático de Desenvolvimento e o Banco Mundial — para partilhar riscos, mobilizar capital e aumentar o impacto na economia.

À medida que nos preparamos para aderir à ASEAN e para nos integrarmos na economia regional, torna-se ainda mais urgente termos uma economia interna mais competitiva e resiliente.

Mas deixo um aviso claro: este Banco tem de assentar em bases sólidas.

Tem de ser financeiramente robusto. Tem de funcionar com independência. E tem de obedecer aos mais altos padrões de governação.

Isto significa políticas de crédito claras. Significa supervisão independente. Significa proteger a instituição de interferência política. E significa garantir transparência, responsabilização e profissionalismo em todos os níveis.

Excelências, Senhoras e Senhores,

O seminário de hoje é uma oportunidade fundamental para definir o conceito e a estrutura desta instituição.

Reunimos governo, parceiros de desenvolvimento, especialistas financeiros, representantes empresariais e da sociedade civil — porque queremos que este seja um esforço partilhado.

Convido-vos a participar ativamente. Partilhem os vossos conhecimentos, experiências e ideias para nos ajudarem a construir algo que funcione — e que perdure.

Se o fizermos bem, o Banco Nacional de Desenvolvimento libertará o potencial do nosso povo, apoiará o setor privado e ajudará a construir uma economia que reflita os nossos valores e reforce a nossa soberania.

Criemos uma instituição ao serviço do nosso povo, que construa a nossa economia e nos ajude a garantir o futuro pelo qual tanto lutámos.

Muito obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão